

Bloco de Notas

Dez anos depois do Muro (1)

Uma sondagem CSA/Courrier Internacional perguntou a vários povos europeus e aos russos que balanço fazem dos últimos 10 anos. Desde a queda do Muro de Berlim houve mais mudanças positivas ou negativas? A esmagadora maioria considera que, apesar de tudo, o balanço é positivo. O total de respostas positivas ronda os 70, 80 %, e as negativas não ultrapassam os 25 %. Curiosamente, os mais pessimistas, neste quadro geral, são os alemães. Mas quando, perante uma lista de aspectos específicos, que vão da corrupção à igualdade passando pela cultura, a paz ou o ambiente, se pede que identifiquem o que mudou para melhor ou para pior nos respectivos países, o resultado é curioso: os russos (que tinham feito um balanço geral positivo) consideram que, visto cada um dos aspectos separadamente, todos eles mudaram para pior. Mais de 80 % dos russos pensam que a paz, a igualdade, a segurança, a corrupção, o terrorismo, a situação social estão hoje pior do que estavam há 10 anos. ■

Dez anos depois do Muro (2)

O balanço que os antigos líderes reformadores da Europa de Leste fazem sobre a última década é mais negativo do que o conjunto de opiniões representadas na sondagem do Courrier Internacional. Reunidos em Sofia no final de Novembro, estes ex-dirigentes concluíram que as condições de vida deterioraram-se de forma dramática e a miséria está a alastrar em vários países que pertenceram ao bloco de Leste. O representante permanente na Bulgária do Programa da ONU para o Desenvolvimento, António Vigilante, lamentou que os investimentos nos países ex-comunistas estejam “muito atrasados em relação às expectativas” e afirmou que “o crescimento económico não atingiu o nível de 1989” (embora seja de sublinhar que a situação difere muito de país para país, sendo a Bulgária neste momento um dos que enfrenta mais problemas). Um estudo da ONU indica que na Arménia, na Quirguízia, na Geórgia e na Ucrânia 50 % da população vive na pobreza, enquanto na Macedónia e na Moldávia os níveis de desemprego são particularmente elevados. ■



Guerra cibernética



Os juristas do Pentágono começaram a estudar os limites legais para uma guerra cibernética no caso de os Estados Unidos lançarem uma ofensiva deste tipo contra outro país. Os peritos citados num documento do Pentágono a que a AFP teve acesso afirmam que não existem quaisquer limites legais para uma guerra cibernética, embora “haja zonas em que o carácter vago da lei pode criar riscos

Coordenação: Alexandra Prado Coelho

significativos”. O chefe do Estado-Maior interarmas norte-americano, general Henry Shelton, revelou em Outubro passado que “alguns desses sistemas” já foram utilizados durante a guerra do Kosovo com o objectivo de recolher informação. Segundo o *Washington Post*, os responsáveis militares americanos pensavam piratear a rede de computadores da Sérvia, mas desistiram precisamente por recearem que este tipo de operação pudesse vir a ser considerada crime de guerra, dado que os alvos visados não eram militares. ■

Satisfação em Marrocos

A imprensa marroquina não escondeu a sua satisfação perante a decisão do rei Mohammed VI de afastar o ministro do Interior, Driss Basri, um homem que durante quase três décadas foi o mais poderoso dos ministros do falecido rei Hassan II. “Driss Basri esteve por detrás da falsificação de todas as eleições [...] caracterizadas pela corrupção, pela venda de lugares e pela intervenção dos traficantes de droga que queriam corromper a mais alta instância legislativa do Estado”, escreve o jornal *El Alam*. O tom usado pela imprensa é revelador do novo ambiente que se vive no reino desde que Mohammed VI sucedeu a seu pai. Os sinais de mudança têm vindo a multiplicar-se, mas o afastamento de Bari – que durante muito tempo foi responsável pelo temido aparelho repressivo marroquino e que controlava o *dossier* do Sara Ocidental – é a indicação mais clara de que o novo monarca está disposto a acabar com o sistema viciado e clientelar que caracterizou o reinado anterior. ■



A China é importante?

Não, não é tão importante como geralmente se pensa, escreve Gerald Segal no número de Setembro/Outubro da *Foreign Affairs*. Na sua opinião, a China é sobrestimada tanto a nível económico, como militar, como político. Economicamente, diz Segal, “a China é um mercado pequeno com relativamente pouca importância para o mundo, sobretudo fora da Ásia”. E prova-o com números que revelam o fraco crescimento da economia chinesa, o baixo nível de exportações, o pouco investimento externo, e a falta de capacidade da sua liderança para ultrapassar estes problemas. A nível militar, Segal considera a China uma potência de segunda categoria, que só representa uma ameaça (e mesmo assim relativa) para alguns países da região. A influência política de Beijing é também muito reduzida e o autor questiona mesmo que a China mantenha um lugar no Conselho de Segurança da ONU. “Não é que a China não tenha importância nenhuma”, escreve Segal, “mas tem muito menos do que o Ocidente pensa”. ■

